

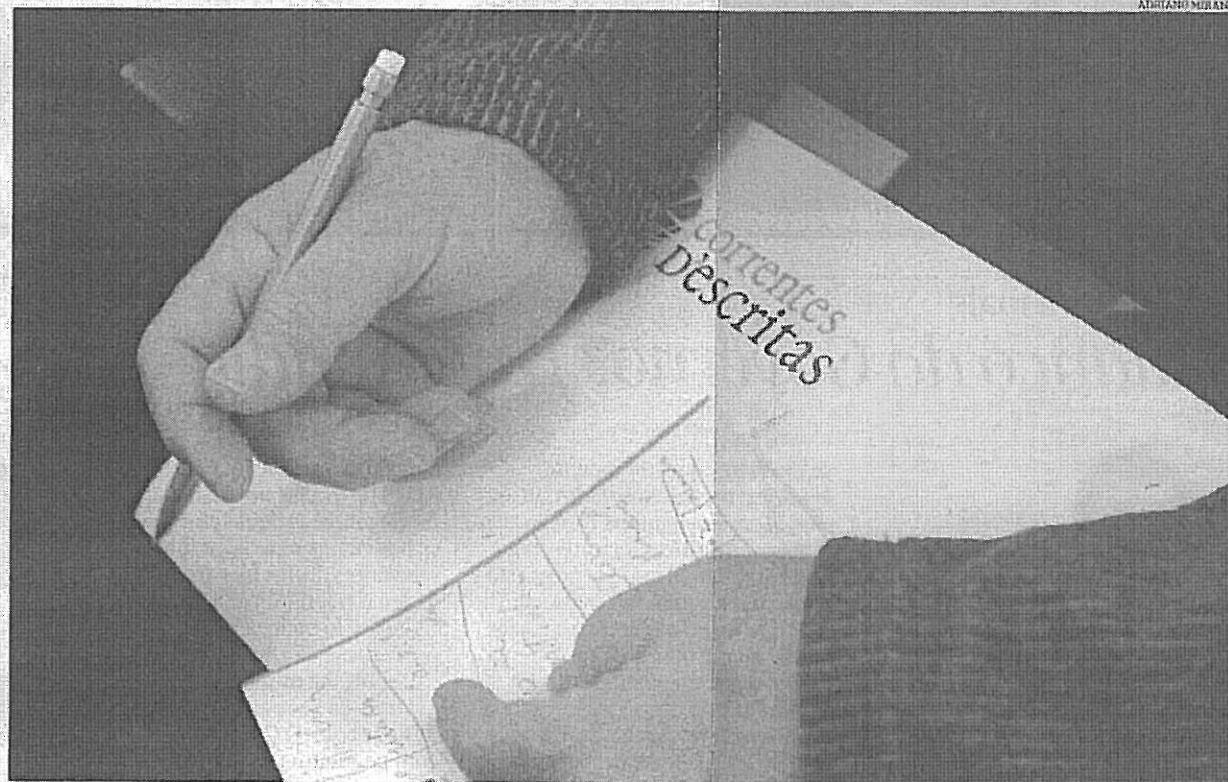
"O que vivemos já é fantástico"



Helena Matos

Ninguém lhe disse nada? Ou fez de conta que não sabia? Esta pergunta impôs-se-me ao longo da leitura do artigo que o *Sol* dedicou ao escritor angolano Manuel Rui a propósito da sua participação nas Correntes d'Escritas, um encontro de escritores que tem lugar na Póvoa de Varzim. O artigo em questão tem os rodriguinhos e as complacências habituais nas entrevistas às pessoas identificadas com o mundo da cultura. Por exemplo, nem uma pergunta sobre os critérios de selecção que levam a que alguns escritores como Manuel Rui sejam convidados todos os anos - não digo que o critério não seja bom, mas sem dúvida que seria interessante perceber o porquê desta opção.

Mas para lá desta incapacidade de tratar a cultura numa forma que não seja propaganda - incapacidade essa que está longe de ser exclusiva do *Sol* - outra questão muito mais séria é colocada por este texto. Manuel Rui, além de romancista e poeta, foi também dirigente político. Mais precisamente fez parte do Governo de Angola num dos seus períodos mais sanguinários, tendo mesmo integrado a denominada Comissão das Lágrimas, órgão que presidiu a algumas das purgas dentro do MPLA e que, a par doutras odiosas funções, designava, entre aqueles que lhe passavam pelas mãos, quem seria entregue aos torturadores. O próprio Manuel Rui de alguma forma alude a esse tempo quando declarou à jornalista do *Sol*: "Os intelectuais eram poucos e tínhamos de estar metidos em tudo." De facto, intelectuais como ele, como Pepetela e Luandino estiveram "metidos em tudo", sendo que "tudo", em Angola, no pós-27 de Maio de 1977, é algo que dificilmente se consegue descrever. Mas que se pode entrever lendo obras como *Purga em Angola*, de Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus, *Holocausto em Angola*, de Américo Cardoso Botelho, ou *Repensar Angola*, de Carlos Pacheco. Mas nada disto sabia ou queria saber a jornalista do *Sol*, empenhada que estava em fazer o retrato típico do escritor dos PALOP para consumo do mundo branco a expiar culpas coloniais. Retrato esse que tem os tópicos obrigatórios do passado antifascista em Coimbra, mais a poesia "comprometida que não renega" e, a rematar, umas teorizações sobre o que Manuel Rui designa como "literatura fora dos lugares-comuns da Europa" que a sociedade angolana



ADRIANO MIRANDA

lana gerará e umas graçolas sobre a liamba, que em "Angola era chá ou medicamento". Felizmente que a entrevista acabou aqui, pois ainda acabaríamos com o *n guelelu* - uma espécie de garrote usado em Angola, nos interrogatórios aos detidos nos tempos em que "os intelectuais estavam metidos em tudo" - transformado, qual batuque, numa peça étnica de decoração.

Recordo que recentemente o país se interrogou com a razão de ser do desfile de ditadores que a cimeira UE-África trouxe a Lisboa. Aquilo tinha de facto algo de grotesco. Mas não só a cimeira era necessária como as cimeiras estão longe de passar certificados de bom comportamento aos dirigentes que nelas participam. Ora nada disto acontece com os encontros culturais cujos participantes têm inevitavelmente a condição de pessoas não só interessantíssimas como exemplares. Pessoalmente, não veria

O artigo em questão tem os rodriguinhos e as complacências habituais nas entrevistas às pessoas identificadas com o mundo da cultura

tornar mediaticamente apresentável a sua biografia e implica simultaneamente reconhecer o direito aos outros a não terem de o ouvir. Pois convirá não esquecer que alguns dos escritores que vêm a encontros como as Correntes d'Escritas visitam também as escolas da região, onde é suposto que troquem impressões com os alunos. Como é óbvio, espero que se reserve aos pais o direito de recusarem deixar os seus filhos participar nessas sessões. *Jornalista*